

VOZES DA PERIFERIA: A AUTOAFIRMAÇÃO E (RE)EXISTÊNCIA DA MULHER NEGRA EM UM MUNDO DE ANTAGONISMOS

VOICES FROM THE PERIPHERY: SELF-AFFIRMATION AND (RE)EXISTENCE OF BLACK WOMEN IN A WORLD OF ANTAGONISM

VOCES DESDE LA PERIFERIA: AUTOAFIRMACIÓN Y (RE)EXISTENCIA DE LAS MUJERES NEGRAS EN UN MUNDO DE ANTAGONISMO

 <https://doi.org/10.56238/arev7n5-465>

Data de submissão: 30/04/2025

Data de publicação: 30/05/2025

Eliesio Costa Lima

Doutorando em Letras

Instituição: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

Endereço: Maranhão, Brasil

E-mail: eliesiocosta2000@gmail.com

Kátia Carvalho da Silva Rocha

Doutora em Letras (Ciência da Literatura)

Instituição: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

Endereço: Maranhão, Brasil

E-mail: katiacarvalho@uemasul.edu.br

Gilberto Freire de Santana

Doutor em Letras (Ciência da Literatura)

Instituição: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

Endereço: Maranhão, Brasil

E-mail: gilbertosantana@uemasul.edu.br

RESUMO

Este trabalho objetiva tecer algumas reflexões sobre a autorrepresentação da mulher negra na sociedade brasileira, uma sociedade que ainda mantém atitudes racistas, e de cujo cânone literário foi construído sob um viés eurocêntrico que excluiu as narrativas de mulheres negras em primeira pessoa. O estudo se desenvolve especialmente mantendo um constante diálogo com a trajetória de vida de Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), uma mulher negra que viveu na favela do Canindé em meados da década de 1950 a 1960. Mesmo em meio à exclusão, inserida em um mundo de antagonismos para a mulher afrodescendente, Carolina escreveu seus diários, acreditando que iria publicá-los um dia. E, de fato, publica-os. Em meio a tantos estereótipos que circulam a todo momento nos discursos, nas imagens, no pensamento social, a escrita de Carolina surge como uma narrativa positiva da mulher negra, contribuindo para a afirmação da identidade negra, especialmente da mulher negra. Este trabalho, ao buscar trazer essas reflexões à tona, se apoia teoricamente em autores como Evaristo (2005), Jodelet (2001), Moscovici (1978), Oliveira e Oliveira (2015), entre outros.

Palavras-chave: Autorrepresentação. Mulher Negra. Carolina. Literatura.

ABSTRACT

This work aims to reflect on the self-representation of Black women in Brazilian society, a society that still harbors racist attitudes and whose literary canon was constructed under a Eurocentric bias that excluded first-person narratives of Black women. The study develops particularly through a constant dialogue with the life story of Carolina Maria de Jesus, in *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), a Black woman who lived in the Canindé favela from the mid-1950s to the 1960s. Even amid exclusion, immersed in a world of antagonisms toward Afro-descendant women, Carolina wrote her diaries, believing she would one day publish them. And, indeed, she does. Amidst so many stereotypes that constantly circulate in discourse, images, and social thought, Carolina's writing emerges as a positive narrative of Black women, contributing to the affirmation of Black identity, especially Black women. This work, in seeking to bring these reflections to light, draws theoretical support from authors such as Evaristo (2005), Jodelet (2001), Moscovici (1978), Oliveira and Oliveira (2015), among others.

Keywords: Self-representation. Black Woman. Carolina. Literature.

RESUMEN

Este trabajo busca reflexionar sobre la autorrepresentación de las mujeres negras en la sociedad brasileña, una sociedad que aún alberga actitudes racistas y cuyo canon literario se construyó bajo un sesgo eurocéntrico que excluyó las narrativas en primera persona de las mujeres negras. El estudio se desarrolla particularmente a través de un diálogo constante con la historia de vida de Carolina María de Jesus, en *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), una mujer negra que vivió en la favela de Canindé desde mediados de la década de 1950 hasta la década de 1960. Incluso en medio de la exclusión, inmersa en un mundo de antagonismos hacia las mujeres afrodescendientes, Carolina escribió sus diarios, creyendo que algún día los publicaría. Y, de hecho, lo hace. En medio de tantos estereotipos que circulan constantemente en el discurso, las imágenes y el pensamiento social, la escritura de Carolina emerge como una narrativa positiva de las mujeres negras, contribuyendo a la afirmación de la identidad negra, especialmente de las mujeres negras. Este trabajo, en su afán por esclarecer estas reflexiones, se apoya teóricamente en autores como Evaristo (2005), Jodelet (2001), Moscovici (1978), Oliveira y Oliveira (2015), entre otros.

Palabras clave: Autorrepresentación. Mujer Negra. Carolina. Literatura.

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

“A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela”

(Conceição Evaristo em *Poemas da recordação e outros movimentos*, 2017).

É voz corrente que, na história do Brasil, a população negra foi sistematicamente marginalizada em todos os espaços da estrutura social, incluindo a política, o trabalho e a academia, espaço de produção do conhecimento, perpetuando, assim, um ciclo de exclusão devido à inexistência de profissionais negros ativos em posições de poder e influência na sociedade. Isso tem relação direta com o racismo, problema social que surgiu simultâneo à criação da nação e que continua a impactar negativamente na vida de milhares de pessoas. Afinal, não houve extinção do problema com a libertação dos negros escravizados.

Na verdade, a forma como os negros foram tratados após o período da abolição de 1888 evidenciou a continuidade do racismo na estrutura social, visto que os agora “ex-escravos” eram jogados à própria sorte em um país desigual que, de acordo com Costa e Oliveira (2019), não instituiu nenhuma política de inclusão no mercado de trabalho para os negros libertos. Como resultado, a vida dessas pessoas continuou a ser marcada pelas desigualdades e pela exclusão social.

Nesse contexto de exclusão e marginalização se encontra a mulher negra, que é, de acordo com Ribeiro (2020), duplamente marginalizada, por ser mulher, e por ser negra. Essa marginalização é histórica e estrutural. O poema *Vozes-mulheres* (2017), de Evaristo, citado na epígrafe deste trabalho, destaca o grito da mulher negra em um fluxo contínuo, enfatizando a subserviência a que ela foi submetida no trabalho doméstico, enquanto servia com voz inaudível, em sussurros, no fundo das cozinhas alheias, à margem. Essa mesma mulher foi lançada nas várias favelas brasileiras como consequência dos projetos de exclusão dos pobres e do negro.

Evaristo (2017) destaca o caminho empoeirado pelo qual a mulher afrodescendente teve que caminhar diariamente. Oliveira e Oliveira (2015) também destacam que as cidades brasileiras nasceram e se desenvolveram seguindo projetos de “embelezamento” e segregação das classes populares, especialmente os negros. Foi esse o caminho de Carolina Maria de Jesus, um caminho empoeirado, significando não só a sujeira literal mas também as agruras de quem viveu no “quarto de despejo”.

Carolina Maria de Jesus foi uma mulher negra que viveu à margem da sociedade, tendo que lidar constantemente com o racismo e com o machismo, que se manifestavam tanto no cotidiano da

favela onde residia como nas dificuldades para concretizar seu desejo de ser escritora, o que dificultou a publicação de seu primeiro livro. Convém mencionar que se trata não apenas de uma mulher negra, mas também pobre e mãe solteira, portanto, Carolina está em um ponto de encontro de intersecções de raça, sexo e classe, o que a coloca em um lugar muito mais desafiador.

Mesmo inclusa em um cenário onde suas múltiplas identidades tendem a ser bombardeadas pelo racismo, pelo machismo, ou pelas desigualdades sociais, Carolina aspira ser escritora e deixar a favela onde vive. Diante desse contexto, é relevante analisar como sua escrita reflete uma forma de resistência e afirmação. Assim, o objetivo deste trabalho é trazer à tona, a partir dos escritos de Carolina, a voz de um sujeito que se empodera, se autodefine, se autorrepresenta como mulher negra, como cidadã crítica e como ser humano, mesmo em meio a um ambiente que tende a empurrar os indivíduos para situações desumanas de vida. Para tanto, toma-se como aporte teórico as contribuições de Evaristo (2005), Jodelet (2001), Moscovici (1978) entre outros.

2 A AUTORREPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA

“Autorrepresentação” e “representação” são duas expressões que têm estado em voga nas últimas décadas. Dentre as áreas em que esses termos circulam, estão os estudos do feminismo negro, das relações de gênero e os discursos produzidos acerca dos povos indígenas, que geralmente apresentam tais termos em contraste. Autorrepresentar-se significa falar por si mesmo, destacando em voz própria a sua essência, a sua visão de mundo, evidenciando para o outro suas versões de identidade e o seu papel como sujeito incluído no mundo social. Já a representação, de forma mais abrangente, se refere à maneira como os indivíduos são retratados e percebidos em sociedade.

No caso da representação, ela é constituída a partir do olhar do outro, ou seja, os sujeitos não falam por si, mas são representados de acordo com as percepções, interpretações e discursos daqueles que os observam. Isso pode propiciar a criação de estereótipos, especialmente nos contextos em que o poder de narrar está nas mãos de grupos dominantes. Desse modo, o contraste entre a autorrepresentação e a representação está na disputa entre quem narra a história e em como as identidades são construídas e percebidas socialmente.

Indo além, autorrepresentar-se é se fazer presente no meio social como se é, e não como o outro quer. O sujeito que se autorrepresenta, está engajado nas lutas que o cercam e o definem. Por exemplo, é sabido que há, propagados na literatura e no cinema, discursos que produzem imagens deturpadas da mulher negra. Em contrapartida, há discursos verossímeis, escritas do *eu* produzidas por mulheres negras, ainda que muitas delas não estejam presentes no “cânone” da literatura brasileira que, como

menciona Silva (2022), excluía, desde o século XIX, quando foi construído, as mulheres, os negros e os pobres.

Dentre os discursos excluídos do cânone que são autorrepresentações positivas da mulher negra, mencionam-se os diários de Carolina Maria de Jesus. Em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), ela narrativiza a sua resistência (ao racismo, ao machismo e à desigualdade de classe) e a sua experiência pessoal, sendo, dessa maneira, uma figura que pode representar a mulher negra brasileira inserida em um país desigual, onde o preconceito racial e o patriarcalismo continuam a se manifestar.

É importante, nesse contexto, destacar que as teorias da representação e da autorrepresentação são inseparáveis, como menciona Vieira (2018, p. 11), “A discussão de autorrepresentação está diretamente ligada ao conceito de representação que, por sua vez, está ligada às relações de poder, sendo objeto de inúmeras discussões em diferentes campos do conhecimento”. Assim, para entender como acontece a autorrepresentação de Carolina como mulher negra e a sua importância, é imprescindível destacar o que significa representar.

Segundo Hall (2016, p. 31), “representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura.”. Assim, se há uma cultura de destruição da autoimagem da mulher negra, com representações negativas e estereótipos, é preciso que se dê vazão à sua representação feita em primeira pessoa, visando produzir significados positivos sobre o corpo negro feminino.

A representação é essencialmente um fator social, influenciando a maneira como percebemos o mundo. Para Moscovici (1978, p. 41), “as representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano”. Infere-se que apesar de serem apenas ideias, imagens, e criações puramente mentais, nas quais não se pode tocar, as representações são quase palpáveis, uma vez que, constantemente, modificam o mundo real, de tal maneira que são perceptíveis na vida cotidiana dos indivíduos. Elas estão, a todo momento, cruzando-se, sendo criadas e transformando a maneira como apreendemos o mundo.

Para Moscovici (1978), embora a realidade das representações sociais seja fácil de apreender, o conceito de representação não o é. Para ele, há razões, sobretudo históricas, que fazem da definição do conceito algo difícil. Moscovici deixa essa questão reservada aos historiadores. Mas o que importa aqui é mais a natureza das representações e suas implicações na sociedade do que um conceito pronto. Contudo, para não deixar o conceito vago, representar significa, de forma objetiva, falar de algo ou alguém em terceira pessoa, o que implica dizer que uma representação nem sempre é a realidade.

Como exemplo disso, ao relacionar a ideia de “representar” à questão do uso da linguagem e, ao mesmo tempo, às noções de identidade e diferença, Evaristo (2005) destaca que é perceptível a insistência da literatura brasileira em produzir uma diferença negativa da mulher negra, uma vez que se trata de uma literatura que finca raízes em um passado escravocrata. A mulher negra é representada de forma deturpada, irreal, a partir de uma visão cis-hétero-branca, que apresenta personagens sensualizadas, submissas, de condutas reprováveis perante a sociedade, muitas vezes descritas como ladras, como também ocorre com os homens negros, frequentemente representados como ladrões.

A exclusão e a forma negativa como a mulher negra é tratada são influenciados, em parte, devido às representações negativas que lhe são impostas na arte e na cultura. Pois, como fenômeno social (Jodelet, 2001), as representações podem alterar ou influenciar a forma como os indivíduos são pensados e tratados dentro da estrutura social e, no caso de representações negativas, reforçar estereótipos e a desigualdade.

As representações, como menciona Jodelet (2001, p. 1), “circulam nos discursos, são carregadas pelas palavras, veiculadas nas mensagens e imagens mediáticas, cristalizadas nas condutas e agenciamentos materiais ou espaciais”. A grande circulação de representações negativas nos meios de comunicação e transmissão de conhecimento contribuem para a criação de estereótipos acerca da mulher negra e, por isso mesmo, influenciam diretamente na forma como ela é tratada em sociedade. O fluxo contínuo de criação dessas imagens negativas tem como base o racismo estrutural.

Entretanto, se há um discurso literário propositalmente construído de forma negativa sobre a mulher afrodescendente, há também discursos que atuam no sentido de revelar sua subjetividade, isto é, representando a mulher negra dentro do contexto de suas experiências históricas, culturais e das características que a definem. Como exemplo desses discursos, mencionam-se os textos de Carolina Maria de Jesus, figura listada por Conceição Evaristo entre as autoras negras que “buscam produzir um discurso literário próprio, uma contra-voz à uma fala literária construída nas instâncias culturais do poder” (Evaristo, 2005, p. 54), portanto, com um fazer literário autônomo da mulher negra.

Carolina é a mulher que, quando confrontada por discursos deslegitimadores que tentam desconstruir sua autoimagem, afirma com convicção:

eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. E indisciplinado. Se é que existe reincarnações, eu quero voltar sempre preta (Jesus, 2014, p. 64).

Ela não esconde o orgulho negro diante de afrontas racistas, ela devolve a palavra com força. Dona de uma palavra potente ela também afirma: “Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incicatrizableis” (Jesus, 2014, p. 48).

As palavras de Carolina são afiadas e, tal qual as do eu lírico de *Protesto* (2020), de Carlos de Assumpção, são palavras de fogo, que destroem as amarras dos braços, do corpo do negro. O eu lírico de *Protesto* (2020) diz:

Mesmo que voltem as costas
Às minhas palavras de fogo
Não pararei de gritar
Não pararei (Assumpção, 2020, p. 35).

Esse mesmo eco rebelde se manifesta na voz de Carolina. Ela afirma que suas palavras são como espadas, portanto, cortam as correntes do racismo que a sociedade, por ter herdado o legado colonial, muitas vezes tenta colocar nos braços do negro. Carolina era uma mulher persistente, mesmo tendo que trabalhar para sustentar seus três filhos sozinha ela afirma: “—Eu preciso trabalhar e escrevo nas horas vagas” (Jesus, 2014, p. 173). Sendo uma mulher determinada Carolina construiu sozinha, o seu legado na literatura brasileira. As mediações de Audálio Dantas devem ser mencionadas. O jornalista teve uma parcela de contribuição apenas na compilação dos diários para publicação, contudo, o mérito é de Carolina. Ela, sendo uma mulher negra marginalizada, consegue construir o seu lugar de fala quando quase não se ouvia falar de escritoras negras, porque a voz que ecoava era branca e masculina.

Assim, a escrita de Carolina afigura-se como ferramenta poderosa de sua autodefinição de sujeito, de modo que seu discurso empodera e exalta o corpo negro e a ancestralidade, além de mostrar que a mulher negra é forte, capaz, resistente. Sua obra *Quarto de despejo* (2014) dá voz à mulher negra em primeira pessoa, contribuindo para a desconstrução dos estereótipos existentes na literatura e na sociedade brasileira acerca da mulher afrodescendente.

Quarto de despejo (2014), de caráter autobiográfico, narra não só as dores e as misérias que sua autora vivenciou, mas também os seus sonhos, seus prazeres cotidianos, por coisas simples da vida, como alimentar-se de modo digno, ouvir o canto dos pássaros ou apreciar o sorriso dos filhos. Sendo um texto em formato de diário, a obra foca na vida cotidiana de Carolina, desnudando a pobreza, a escassez de alimento, as relações sociais e familiares, o preconceito, a violência, mas também destacando o amor que Carolina tem pelos livros e a força de sua subjetividade, que está diretamente conectada à sua identidade como mulher negra.

Através de uma escrita simples e verdadeira, a autora descreve a realidade da favela, que é, de forma figurada, o quarto de despejo de uma cidade, bem como, descreve as experiências que ela vivenciou enquanto lutava pela sua sobrevivência e a de sua família em um ambiente de exclusão e pobreza. Sua trajetória demonstra a força de uma mulher que mesmo diante das dificuldades tem orgulho de sua identidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou tecer algumas reflexões acerca da autorrepresentação da mulher negra na sociedade brasileira, especialmente com um olhar voltado à trajetória de vida de Carolina Maria de Jesus, uma mulher forte, resiliente e criativa que decidiu se tornar escritora quando o mundo se mostrava antagônico para ela. Nesse sentido, desenvolveu-se uma análise sobre o que é autorepresentação, e sobre como a mulher afro-brasileira tem sido representada socialmente. Constatou-se, que essa mulher tem sido representada sob uma visão reducionista, que a coloca sempre como inferior, submissa, sensual, de condutas reprováveis, pois a sua imagem social foi manipulada por percepções racistas e machistas historicamente. Na literatura brasileira, por exemplo, o cânone excluiu as narrativas de autoria negra feminina, o que contribuiu para a criação de muitos estereótipos.

Carolina Maria de Jesus, em meio a esse mundo excludente, injusto e, muitas vezes, opressor, escreveu sua obra a partir do lixo, com uma escrita empoderada e de grande sensibilidade. Na análise de alguns excertos da obra, constatou-se que Carolina tinha orgulho de sua identidade racial, de sua pele, de seu cabelo, afirmando veementemente o seu valor diante de confrontos de pessoas racistas. Suas palavras são potentes, cortantes, e destroem as amarras do racismo. São ainda, palavras como as do eu lírico do poema *Protesto* (2020), que queimam e não se calam, rompendo qualquer barreira que tenta impedir o seu eco.

Por fim, espera-se que, a partir deste trabalho, as palavras de Carolina ecoem não só em mais uma página, mas em outras pesquisas futuras, na escola, na universidade e em qualquer ambiente em que se possa realizar uma discussão sobre como Carolina foi uma mulher negra forte, que não se deixou abater pelo racismo e a exclusão que a cercava. Que suas palavras evidenciem cada vez mais que a mulher negra tem voz, tem identidade e tem história. Espera-se ainda que esta pesquisa contribua, dessa maneira, para a afirmação da identidade negra feminina e para construir uma sociedade mais justa e acolhedora.

REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, C. de. Não pararei de gritar: Poemas Reunidos. Organização: Alberto Pucheu. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

COSTA, E. F. da.; OLIVEIRA, P. A. de. O sofrimento psíquico causado pelo racismo e o seu impacto na subjetividade. Maringá, Revista UNINGÁ. V. 56, n. 1, p. 114-130, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uninga/article/view/444>. Acesso em: 05 ago. 2024.

EVARISTO, C. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. Palmares: Cultura Afro-Brasileira, Brasília, n. 1, p. 52-57, 2005. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2011/02/revista01.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2023.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

HALL, S. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Apicuri, 2016.

JESUS, C. M. de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. As representações sociais, v. 17, n. 44, p. 1-21, 2001.

MOSCOVICI, S. A representação Social da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1978.

OLIVEIRA, R. J. de.; OLIVEIRA, R. M. de S. Origens da segregação racial no Brasil. OpenEdition Journals. [S. L.]. Amérique Latine Histoire et Mémoire. Les Cahiers ALHIM (Online). vol. 29, s/n., 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/alhim/5191>. Acesso em: 30 ago. 2024.

RIBEIRO, D. Lugar de fala. São Paulo: Jandaíra, 2020.

SILVA, J. da. A invisibilização de escritoras negras no cânone literário brasileiro. 2022. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Curso de Licenciatura em Letras Português. Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Venda Nova do Imigrante. Vila Nova do Imigrante, 2022.

VIEIRA, L. O. Autorrepresentação de cineastas negras no curta-metragem nacional contemporâneo. 139f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.